

## NOTAS E RECENSÕES

### OS ANTIGOS REINOS DA SAVANA (ÁFRICA CENTRAL)

Trata-se dum estudo sugestivo do desenvolvimento das estruturas políticas dos potentados da África Central, apoiado em bases necessariamente inseguras, como são as correlações etnográficas, as reconstruções arqueológicas e as tradições orais <sup>(1)</sup>.

JAN VANSINA começa por apresentar o seu livro não como um trabalho decisivo mas como uma compilação de conferências, cuja finalidade terá sido a de apresentar os reinos da savana como susceptíveis de um estudo que exceda o desenvolvimento com que ele os tratou. A escassez das fontes e a dispersão de parte delas — como as manuscritas —, assim como o carácter que lhes advém do facto de resultarem de testemunhos não de *actores* mas de *espectadores* do *drama*, deixam entrever a complexidade do problema da elaboração duma história dos povos sem escrita. «Os antigos reinos da savana» é, para o próprio autor, um instrumento de trabalho para os historiadores que, de futuro, se sintam tentados por um paralelo ou pela mesma linha de pesquisa. E nunca a «última palavra» sobre a história da África Central.

Por outro lado, a importância que assume perante o geógrafo que pretenda fazer investigação no ambiente rural africano, justifica que a sua crítica se insira nas recensões duma revista geográfica. Porque, sem bases históricas de que possa valer-se como meio de apreciação diacrónica dos problemas que o interessam e num ambiente em que a história se não pode *ler* na paisagem, o geógrafo sente o seu campo de acção demasiado circunscrito se não lançar mão da pesquisa da linha de evolução e de integração cultural que definem o povo que marcou essa mesma paisagem. «Ciência de lugares e não de homens», a geografia, se não pode valer-se das ciências dos homens, tem de ultrapassar a «fronteira» e procurar compreendê-los à luz dos seus escassos meios.

---

<sup>(1)</sup> JAN VANSINA, *Les Anciens Royaumes de la Savane*. Collection Etudes Sociologiques, n.º 1, Institut de Recherches Economiques et Sociales. Université LOVANUM, Léopoldville, 1965, 250 pp., 14 fig. (traduzido do inglês por J. TAMINIAUX).

A obra de VANSINA tem assim o mérito não apenas de dar uma linha de explicação válida para uma ampla região geográfica como de suscitar, nos cultores de ciências afins, o interesse por uma pesquisa, subsidiária embora em relação à sua, mas tanto mais complexa quanto mais inseguros são os seus fundamentos e quanto maior seriedade e autocrítica se puser na sua «construção».

O livro integra nove capítulos, cada um dos quais precedido duma apresentação sumária que dá conta da sua estrutura; uma *conclusão* muito sintética; um *apêndice* muito esclarecedor acerca da história da cronologia da África Central; uma *bibliografia* escolhida; e uma colecção de 14 mapas frustes que situam os diferentes povos e as diferentes linhas expansionistas num contexto hidrográfico e corográfico.

Depois da apresentação dos problemas e conceitos relativos à elaboração do estudo, da definição dos traços generalizáveis às culturas das diferentes populações da savana e dos prováveis centros de origem, o autor apresenta sucintamente (diremos mesmo: rapidamente) o reino do Congo, os impérios Luba e Lunda e os estados da periferia da Savana, como paradigmas de evoluções condicionadas por desenvolvimentos independentes de diferentes estruturas sócio-políticas e de diferentes tendências expansionistas.

Os capítulos seguintes definem a interferência da política e dos interesses europeus com as velhas estruturas tribais e a integração de novos elementos no património cultural destes povos. Finalmente, a análise do problema, implícita nos últimos dois capítulos, revela como o desenvolvimento do tráfico dos escravos — e, em menor escala, de produtos de recolhação como a borracha e a cera —, levado a efeito pelos intermediários caravaneiros, intensificaram as lutas entre povos rivais e acabaram por os tornar vítimas dos mais rapaces e da fraqueza dos seus próprios sistemas políticos, que só um equilíbrio íntegro com as restritas condições económicas teria podido salvar.

Este, o encadeamento geral. Um exame sucinto revela, porém, aspectos que importa salientar.

1—O conceito de *reino* e não o de *tribo* serve de eixo à construção da obra. Por um lado, porque as tribos nascem e morrem no sentido em que a cultura que as define evoluciona e se transforma; por outro, porque a história de VANSINA tem de ser, no estado de investigação actual, necessariamente *factual* e portanto política, não uma história da cultura e das ideias como teria de ser uma história tribal.

2—Os prováveis centros de elaboração cultural e política situa-os VANSINA nas baixas do Zaire, na região dos lagos de Katanga e no coração da floresta ao norte do Congo. Os reinos analisados são assim sucessivamente os que apontámos atrás e a sua caracterização revela até que ponto, para lá das acentuadas diferenças, se verifica uma unidade que os integra num contexto em cuja explicação intervêm a *ecologia* e os *contactos*.

Nas baixas do Zaire, as instituições dos estados da costa parecem derivar das dum reino em Stanley Pool — processo anterior ao

século XIV. A estrutura gira em torno dum rei ditador, apoiado numa pirâmide de dignitários (parentes do rei) relacionados com a administração e a colecta de impostos. Independentemente deles, o rei ouvia conselheiros, um dos quais a partir de 1512 passa a ser português e a partir de 1568 passa a ser padre.

Na região dos lagos do Katanga há que notar a divergência originária das instituições Lunda e Luba, sendo a Luba a que acabou por integrar o povo Lunda-Luba e precisamente a que com maior propriedade se pode opor à do Congo, uma vez que o poder do rei era muito limitado pelo conselho de antigos — chefes de guerra, guardiões dos símbolos sagrados, orientadores nos interrogatórios das sentenças, etc. —, que ele podia demitir e reconduzir, mas que por si constituíam também uma força.

Na floresta ao norte do Congo — estrutura própria dos Monga —, o carácter de realeza é mais acentuadamente sagrado, revelado por todo o ritual da posse do cargo e talvez por isso o rei nada pode contra a corte complexa de dignitários que eram, no fundo, os autênticos governantes.

3—Em qualquer dos casos analisados, as bases políticas são a *aldeia* — que se explica muito mais por factores sociais do que por factores económicos — e o domínio de uma rede de impostos, que é, no fundo, o único sistema de consolidar tais reinos... Mussumba, aldeia capital do império Lunda — com os seus 8 a 10 mil habitantes no século XVII —, vivia exclusivamente de tributos. Estiveram portanto três bases lançadas, em tais impérios, se atendermos às ideias de L. MUMFORD nos seus estudos sobre cidades, para o desencadeamento do *processus* urbano: a função de realeza, o ascendente social dum núcleo de povoamento e o seu respectivo parasitismo, função e causa de actividades supérfluas.

4—O acontecimento crucial da África Central deve-se à assimilação dos princípios do governo Luba pelos Lunda, em cuja capital, por volta de 1600, se elabora a nova estrutura política; e à consequente expansão Lunda-Luba para leste, oeste e sul, expansão pacífica limitada à ocupação das regiões periféricas por pequenos grupos migratórios, ao cruzamento de populações e à subordinação tributária dessas áreas. Em contrapartida, se bem que apenas as mais próximas tenham beneficiado duma expansão paralela das formas de cultura, a integração, no império, mesmo das mais longínquas, acabou por as dotar também de princípios duma civilização mais evolucionada, em marcha na vasta savana aberta e sem limites.

5—Em contrapartida, há povos cuja história se não explica, desde o início, senão pela presença europeia. O exemplo mais esclarecedor é o dos *Ovimbundu*, cujos reinos se tornaram potências políticas importantes no decurso do século XVIII e cujas capitais se converteram em importantes centros escravagistas e emissores de caravanas. Herdeiros, até certo ponto, de tradições transmitidas pelos Jagas de Cassanje (estado formado desde 1620 por emigrantes Lunda), que mantiveram até cerca de 1650 o monopólio do comércio de escravos

com o Leste, os *Ovimbundu* acabaram por estruturar em função dele a sua economia e o seu *status* psicológico. Outras tribos assimilaram os seus princípios e «quando os Luena se puseram a seguir o exemplo dos *Ovimbundu*, as consequências foram desastrosas para vastas regiões da África Central» (p. 154).

6—O desencadeamento do *processus* dum tal tráfico, com o consequente poderio militar dos povos escravagistas, que trocavam homens, entre outras coisas, por armas de fogo e pólvora, culminou primeiro com a contaminação, depois com a derrocada dos reinos antigos.

No conjunto, o surgimento destes últimos fora suficientemente tardio—sensivelmente do século XIV ao XVII—, lento e periclitante nas suas estruturas para que eles tivessem podido resistir ao impacto provocado pela viragem do século XIX, aliás evidenciada por fases precursoras, de que o desmoronamento do Congo no século XVII pode servir de paradigma.

Segundo VANSINA crê, a convulsão da África Central deve-se não só a motivos económicos mas também à tendência de dilatar as estruturas sócio-políticas de tipo Lunda (p. 139). Porém, as vias que serviram à progressão do *virus* foram necessariamente as principais estradas de tráfico da África Central—do Cassanje à capital Lunda, do Bié à capital Luena. Entretanto, a táctica de conquista mudara em absoluto. Em vez da ocupação Luba-Lunda por suserania e tributagem das regiões ocupadas, os Cokwe—mencionados pela primeira vez no final do século XVIII como pilhantes de caravanas—adoptaram a táctica de ocupar como estrangeiros, portanto reconhecendo o chefe local qualquer que fosse, até que a superioridade em armas lhes conferisse a possibilidade de inverter as posições... Escolhiam áreas que se inserissem no seu *habitat* de caçadores e, detentores da organização sócio-política lunda, não só integravam um reino vasto, sem relação com a base originária, como, intervindo em crises de sucessão e lutando pela conquista de vias de comércio, acabaram por aniquilar o império Lunda.

«Os antigos reinos da savana» evidenciam assim uma história que, apesar da sua disparidade de pormenor, se organiza entre dois polos: a encruzilhada dos caminhos de expansão e correntes culturais, que foi a África Central, e a penetração do continente pelos interesses e pelas solicitações dos Europeus a ocidente e dos Arabes pela costa oriental. A onda remansosa de expansão das civilizações tradicionais—de estrutura congo, de estrutura luba-lunda e de estrutura mongo—sobrepõe-se, como vimos, a vaga tumultuosa dos novos conquistadores, dos Jagas aos *Ovimbundu* e dos *Ovimbundu* aos Cokwe e aos Arabes, desencadeada pelo tráfico escravagista e pela aquisição consequente de armas de fogo.

E, por fim, mesmo estes povos que se explicam, desde o início da história das suas instituições, pela radiação das feitorias da costa, se encontram truncados, no seu desenvolvimento natural, pela colonização europeia.

O livro de VANSINA, de leitura atraente, embora de uma grande densidade no que se refere à enumeração de factos políticos, tem o mérito de constituir um estudo de história africana, vista do *interior* e, embora partindo do âmago dos seus aspectos cruciais, revela uma digna preocupação de equidade e de objectividade na apresentação dos problemas que ele apenas procura fazer compreender.

MARIA ALFREDA CRUZ